



MARIA: SIMPLEMENTE A MÃE DE JESUS

MARY: THE MOTHER OF JESUS

*Luiz Alencar Libório**

*Ana Cristina de Lima Moreira***

RESUMO

A história do Brasil é marcada pela presença do credo católico trazido pelos colonizadores portugueses e jesuítas que tiveram a missão de catequizar os índios mesmo que pela imposição. A fé católica tornou-se a tônica do século XVI, onde índios e negros conheceram as imagens dos santos e santas e, em sua maioria eram as Nossas Senhoras. Esse fato contribuiu para que até os dias atuais a devoção a Maria seja muito forte nos quatro cantos do Brasil, no aspecto Teológico e na religiosidade popular. A história não apresenta dados relevantes sobre Maria. Porém, os evangelhos nos apresentam como a Mãe de Jesus, o filho de Deus. Alguns evangelhos fazem referência a Maria como Mãe de Jesus de forma breve e sutil, e em outros casos apenas a chama de mulher ocultando que é mãe de Jesus. Mas, ela continua representando a mulher forte que se relaciona com seu filho Jesus e com Deus podendo interceder por seu povo. O presente artigo tem o objetivo de apresentar a presença e a devoção a Maria, Mulher e Mãe de Jesus na História do Brasil, dando ênfase ao aspecto teológico e a religiosidade popular. Para o alcance do objetivo foram necessárias leituras e análises de artigos e livros de autores que abordem a temática em pauta. Considera-se tema de relevância em virtude de que apesar da complexidade é uma temática atual e pertinente para o mundo contemporâneo complexo e multiplamente religioso.

Palavras-chave: Devoção. Religiosidade Popular. Teologia.

* Doutor (2001) e Mestre (1997) em Psicologia pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma. Atualmente é Professor Adjunto II da Universidade Católica de Pernambuco. Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da mesma universidade. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2889916979419619>. E-mail: laliborio@terra.com.br.

** Doutoranda e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. É coordenadora do Centro Educacional Cristo Redentor da Congregação das Filhas do Amor Divino em Palmeira dos Índios-AL e Professora Assistente da Universidade Estadual de Alagoas –UNEAL. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4760183690192675>. E-mail: acmmoreira@hotmail.com.



ABSTRACT

Brazil's history is marked by the presence of the Catholic creed brought by the Portuguese and the Jesuits who had the mission to catechize the Indians even though the imposition. The Catholic faith has become the keynote of the 16th century, where Indians and blacks met the images of Saints and, in your most were our Ladies. This fact has contributed to that to the present day the devotion to Mary is very strong in the four corners of, Brazil in the Theological aspect and on popular religiosity. The story does not present relevant data about Maria. But the Gospels present us with as the mother of Jesus, the son of God. Some Gospels refer to Mary as mother of Jesus briefly and subtle, and in other cases only the flame of woman hiding which is the mother of Jesus. But, she continues representing the strong woman that relates to your son Jesus and God and can intercede for your people. This article is intended to present briefly the presence and the devotion to Mary in the history of Brazil, giving emphasis to the theological aspect and popular religiosity. To the achievement of the goals required readings and analysis of articles and books by authors who address the subject on the agenda. It is considered the subject of relevance because that despite the complexity is current and relevant themes to the contemporary, complex and multireligious world.

Keywords: Devotion. Popular Religiosity. Theology.

INTRODUÇÃO

O credo religioso católico faz parte do contexto histórico do Brasil e da formação da sociedade, que desde o final do século XV foi marcado pela chegada dos navegadores portugueses, cujo país (Portugal), apresentava predominância católica marcada pela devoção aos santos e a Maria em suas diferentes versões. Logo após a oficialização da Nova Terra, no decorrer do processo de exploração e civilização do Brasil, registra-se a presença marcante dos jesuítas que, além do trabalho de catequese dos índios foram multiplicadores da fé católica e do culto a Maria, que ao longo dos anos se sedimentou pelo país.

Maria, a Mãe de Jesus, é concebida como evangelizadora. Segundo o Papa João Paulo II (1991) é uma das características da religiosidade do povo brasileiro. Ao longo dos anos, desde a Idade Média, na Europa, ela foi recebendo várias denominações adquirindo espaço no calendário litúrgico, nas diversas expressões de artes como: na Literatura, nas Artes Cênicas, na Música, dentre outros, o que contribuiu para intensificar a devoção do povo.



A figura da Mãe de Jesus, também chamada Mãe de Deus e Nossa Senhora, cujas feições são delicadas e de aparência frágil, desde o início da história do Brasil assumiu um papel relevante para a sociedade brasileira. Com o passar dos anos foi adquirindo status não só como Mãe de Jesus, mas sendo concebida como uma mulher forte e de grande poder para mediar às solicitações do povo. Ela foi adotada como mãe dos necessitados, aflitos e de quem a admira, sendo, pois, um elo que liga o povo a Deus.

A devoção mariana constitui uma característica visível e preponderante da cultura e religião do povo brasileiro. Na religiosidade popular, Nossa Senhora ocupa entre todos os santos, no céu e na terra, um lugar preferencial. A piedade mariana é sinal de identidade do catolicismo brasileiro.

Pretende-se apresentar o processo histórico da devoção a Maria, no Brasil, com ênfase na religiosidade popular construindo algumas indagações acerca da escolhida por Deus e aceita como Mãe do povo. A temática sob a devoção Mariana é sempre atual, visto que mesmo com a evolução tecnológica, a mobilidade e o pluralismo religioso, Ela continua em evidência e imprescindível, principalmente na religiosidade popular onde a devoção à Mãe de Jesus Cristo, também chamada de Nossa Senhora, ainda é predominante.

Maria foi escolhida como a Mãe do filho de Deus, que no Antigo Testamento se refere à mulher que traria ao mundo o Messias, o Salvador da humanidade. Esse acontecimento seria parte do “Mistério de Deus” conforme revelado por Jesus Cristo e testemunhado por Paulo (Cl 2,2). No Novo Testamento, Maria passa para uma condição ímpar; é, de fato, a Mãe do Salvador, que nos aparece esmagando a cabeça da serpente. É essa mulher que ocupa lugar de destaque na Igreja como peregrina e evangelizadora.

1 UM FIO TEOLÓGICO

A figura de Maria de Nazaré é sem dúvida uma personagem bíblica importante. Mas, por que não é evidenciada com tanta ênfase como na religiosidade popular? Percebe-se que a devoção a Maria, ainda tende a perdurar por muitos anos, até porque em pleno século XXI continua em sua plenitude. Mas, como pode ser justificada a carência



ou omissão de dados bíblicos, que contribuam para um entendimento melhor acerca do perfil dessa mulher que inegavelmente é especial? Será que essa ausência de dados contribuiu para que os evangélicos (protestantes) a deixassem em segundo plano?

A presença de Nossa Senhora marca, profundamente, a história do Brasil, desde a chegada de Cabral até hoje.

Como nos lembra Fr. Carlos Mesters:

A história do Brasil parece um imenso andor de Nossa Senhora, carregado pelo povo humilde, através dos tempos. O povo não aparece, nem carrega placa de nome no peito. Faz questão de ficar escondido, atrás do nome de Maria e atrás dos enfeites e das flores, que caem pelo lado do andor até o chão. O que aparece e deve aparecer é o nome e a imagem de Nossa Senhora, aclamada e invocada por milhares de vozes que, lá de baixo, choram e gritam, sem parar, Ave Maria! (MESTERS, 1977, p.14).

Carregando o andor de Nossa Senhora, o povo carrega pelas ruas a esperança de um dia poder chegar lá aonde Nossa Senhora chegou, isto é, gozar da liberdade total dos filhos de Deus. “Carregando a imagem de Maria, o povo dá a todos a prova concreta de que, caminhando com Deus, é possível realizar esta esperança” (Idem).

Não importa quais os motivos. Maria é sem dúvida aquela que foi escolhida por Deus para ser a mãe do seu filho, o Messias, Jesus Cristo, o enviado. É evidente que está diretamente ligada ao filho e, é isso que faz com que seja a intercessora e mediadora.

Ser citada em alguns trechos bíblicos com o termo “mulher”, como diretamente por João (2,4), nas bodas de Caná e, indiretamente, pelos sinóticos por estar Maria presente com as outras mulheres (Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor e de José, a mãe dos filhos de Zebedeu e Salomé) que estavam assistindo a crucificação de Jesus (Mt 27,55-56; Mc 15, 40-41; Lc 23, 49.55;) e, diretamente, como “Mãe de Jesus”, (Jo 19,25; Lc 8,19; Is 7,14; Mq 5,2), há textos com os quais os seguidores de Jesus reconhecem Maria como Mãe de Jesus, na atuação apostólica do Filho (Lc 8, 19-21).



Reconhecida com “mulher” ou “Mãe de Jesus”, não reduz seu poder em relação à humanidade. Essa nomenclatura deixa questionamentos diversos, mas o objetivo desse artigo não é responder a essas perguntas e, sim mostrar que independente de ser chamada ou não de mãe, é fato, que é uma mulher diferente das outras e foi escolhida para ser a Mãe do Salvador.

Diante do exposto se torna indiscutível que há uma ligação de Maria com Deus. É essa ligação que a deixa em uma situação diferenciada das outras mulheres da Bíblia e das santas de um modo geral. Sua trajetória é diferente. Conquistou a atenção e admiração da humanidade traduzida em adjetivos diversos como: dedicada, obediente, humilde, além de Nossa Senhora, Medianeira, Mãe Rainha, dentre tantas outras.

Quando se trata do Antigo Testamento, é notório que a figura de mulher que aparece é Eva, a primeira mulher segundo a Bíblia, que na linguagem atual é desobediente e sem o perfil desejado pela Igreja. Porém, no Novo Testamento, é Maria que aparece com evidência em relação às outras mulheres. De acordo com Amado e Fernandes (2014, p.64) a primeira referência é tirada da saudação do anjo a Maria:

Alegra-te, cheia de graça, pois o Senhor está contigo” (Lc 1,28). Maria inicia sua missão, a partir daquele momento que está cheia de graça e começa a expandir essa alegria. Assim, passa a ser protagonista da missão dada por Deus.

A jovem que teve José, como seu esposo, formou um casal exemplo de fé e de obediência a Deus. Porém, apesar de ser Maria a escolhida e José o homem trabalhador e honesto também escolhido no plano de Deus (Mt 1,19-25), naquela sociedade não tinham representatividade. Eram pobres e obedientes a Deus a ponto de José aceitar a condição de Maria ser sua mulher e assumir um filho que não era seu. É talvez esse fato que faz com que Maria esteja presente nas classes menos favorecidas no mundo contemporâneo.

Maria recebe outra tarefa de grande responsabilidade, ou seja, ser a mãe dos necessitados, desamparados, angustiados, injustiçados e de todos os que dela precisarem. Todos, pelo fato de que ela não faz restrições de classe, de cor, de credo ou ideologia, pois só há um critério, estar necessitando de sua ajuda. Assim, percorre



o mundo e ganha muitos devotos que acreditam que não só é mãe de Jesus Cristo e sim da humanidade.

A Igreja se encarrega de sempre deixá-la em evidência, associando-a a mãe das mães, principalmente no mês de maio que é dedicado a ela e tradicionalmente às outras mães, com atitudes devocionais, encontro de grupos religiosos, realização de novenas e período em que se intensifica a reza do terço.

Não é por demais, ressaltar que a ênfase à Maria para católicos não é dada pelos evangélicos. Porém, esse fato não reduz a importância e seu papel para a sociedade brasileira. A Bíblia traz em seu contexto Maria e sua relação com seu filho, Jesus Cristo (o Messias), mas aparece em vários evangelhos como “Mulher” e também chamada de mãe de Jesus, como se viu anteriormente.

Há algumas controvérsias a esse respeito, fato que leva talvez à descrença dos evangélicos em relação à Maria, percebendo-a apenas como a “mulher” que foi escolhida para parir Jesus Cristo, criticando muito o exagero do culto a Maria que, segundo alguns evangélicos, é quase divinal. O evangelista Lucas conta a grandeza de Maria (Lc 1,26-59) e a Tradição da Igreja Católica, nesses dois mil anos de Cristianismo, tem mantida viva essa devoção. Lutero, cujos 500 anos da Reforma estamos celebrando neste ano, era devoto de Maria. Os seus seguidores (Zwinglio, Calvino, etc.) a desvirtuaram, talvez como autoafirmação diante do Catolicismo Romano com seus possíveis exageros no culto a Maria e na Mariologia!

Nesse propósito de explicitar Maria como mãe de Jesus, cita-se o evangelho de Mateus que, por várias vezes, faz referência a ela como mãe: “Maria sua Mãe” (Mateus 1, 18); “viram o menino com Maria, sua mãe” (Mateus 2, 11), “levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito” (Mateus 2, 13) “Não se chama a mãe dele, Maria”? (Mateus 13,55).

Mas, notadamente aparece, enquanto Jesus criança. Ainda sobre essa temática em João (2,1) faz também referência as Bodas de Caná “e a mãe de Jesus estava lá”, como já vimos acima. Nos Atos (1,14) [...] entre as quais Maria, a mãe de Jesus, em Marcos (6,3) quando se refere a Jesus “o filho de Maria” outros momentos são



evidenciados nos evangelhos. Desse modo, constata-se que ela é realmente reconhecida como mãe de Jesus, mesmo aparecendo em frases curtas.

A resposta de Jesus em João (2, 4) parece indelicada e até desrespeitosa: “O que nós temos a ver com isso”? Algumas bíblias traduzem com expressões ainda mais duras essa frase de Jesus: “Que queres de mim”, ou “que há entre mim e ti”. Esta frase, de difícil tradução, expressa que Jesus não deseja se envolver com o problema, e que há um distanciamento, uma diferença de percepção entre Ele e Maria. (Jo 2, 4).

Muita gente estranha porque Jesus chama sua mãe de “mulher”. Mas João está nos dizendo algo mais profundo: para Jesus, Maria é mais do que sua mãe, é mulher. O evangelista é muito sensível à participação das mulheres na missão de Jesus e na comunidade dos seus amigos. Jesus não as trata pelo nome, mas com o título de “mulher”.

Maria, sua mãe, presente no início e no final de sua missão, é chamada em Caná e na cruz de “mulher” (Jo 2,4 e 19,26). Jesus denomina também “mulher” à samaritana (Jo 4,21), primeira anunciadora do messias para os não judeus (Jo 4,28. 41s). Por fim, trata da mesma forma a Madalena (Jo 20,15), a primeira testemunha da ressurreição (Jo 20,17s). Ora, os profetas usavam a imagem da mulher para representar o povo de Deus em relação ao Senhor da Aliança (Os 1,2; Is 26,17; Jr 31,4).

Portanto, quando Jesus chama sua mãe de “mulher” não a ofende. Ao contrário, mostra o valor dela, como mulher e figura efetiva e simbólica da comunidade cristã.

A história do Brasil contribuiu para que o povo brasileiro se aproximasse de Maria, a Mãe, a Mulher, através de suas tradições devocionais. É partir dessa situação que aparece como a Mãe que acolhe o filho que sofre. O Papa Francisco (2014) também tem feito um trabalho intenso, apresentando Maria como evangelizadora, mostrando que é o estilo sonhado para a Igreja, deixando as alienações e mostrando a realidade. Deixa explícita a necessidade de perceber que por trás do semblante calmo e humilde de Maria há uma mulher forte, capaz de lutar contra as injustiças do mundo e perceber a necessidade de seus filhos.

Segundo (BOFF, 2007, p.91 *apud* AMADO; FERNANDES, 2014, p.160) o cântico do *Magnificat* coloca em evidência algumas expressões mais fortemente ligadas à experiência da mística contemplativa de Maria. Essas expressões estão ligadas ao perfil adotado por Maria, que segundo o autor é “realista e de olhos abertos para o mundo.” Assim tem-se certeza que Maria está atenta às injustiças sociais, às intolerâncias, à falta de respeito, como nesse Brasil hodierno com tanta corrupção e insensibilidade que afetam o bem-estar desse povo mariano. Ela como Mãe está atenta ao sofrimento dos seus filhos e de outras mães. Portanto sua missão também é denunciar, alertar e conduzir seu povo.

O Brasil é de fato um país de diversidades culturais, econômicas, sociais e religiosas. Porém, mesmo contabilizando milhões de católicos que difundem atualmente a devoção às diversas faces de Maria, ela não se intimida por ser a escolhida por Deus, nem também como mulher que tem papel fundamental na vida de Jesus Cristo, na Igreja e no mundo contemporâneo.

2 MARIA DO POVO

É notório que, quando se trata do culto à Maria, não se pode ignorar a importância da devoção popular que, desde o Brasil Colônia, mantém-se presente e viva através das procissões, promessas e festas de Nossa Senhora (padroeira). Há um fio condutor que liga essa devoção à fé e à cultura. Esse fato faz com que haja uma riqueza devocional popular, cultural e teológica nos pontos mais longínquos do país. Maria, Nossa Senhora ou Nossas Senhoras, Mãe do Céu não importa como seja chamada, pois o que conta é que ela é a mãe de Jesus Cristo e dos cristãos. É um exemplo de fé e piedade.

O Brasil, país de grandes dimensões territoriais, desde o início de sua história, apresenta em seu contexto histórico e cultural uma grande devoção aos santos, principalmente, quando se trata da religiosidade popular, destaca-se a de Maria. Ela é um dos símbolos no mundo ocidental e carrega um legado que a faz ser a maior representante feminina do credo católico. Suas características remetem ao status de Mãe de Jesus, Nossa Mãe, Virgem Imaculada que faz parte da vida do povo brasileiro, intensificando a fé e a devoção do povo que tem as mais variadas histórias, em



diversas culturas cristãs, não perdendo de vista o viés teológico que se mostra através da Igreja, dos Movimentos Marianos e dos Concílios.

O mundo Ocidental e mais precisamente o Brasil teve sua formação social marcada pela presença do índio, do negro e do branco, dando um diferencial em relação a outras nações, pois, cada civilização trouxe seu legado cultural e mesmo com todas as imposições por parte das autoridades, inclusive incluindo a Igreja, os traços culturais permaneceram e chegaram ao século XXI. É notório que tenha sofrido algumas variações, porém, apesar disso, não se pode negar a grande riqueza para a sociedade atual.

Nesse contexto inclui-se o catolicismo que se apresenta com traços culturais fortíssimos dos negros e dos índios. Ambos também deram sua contribuição ao culto a Maria, mesmo quando o assunto é diálogo entre a Religião e a Cultura. As dificuldades e o problema entre a fé cristã e cultura contemporânea reside na relação ou no distanciamento entre as duas. E isso se torna um problema para este século, pois não se pode negar a influência das manifestações culturais na sociedade.

Essa influência é comum nas comunidades mais pobres ou na zona rural, mas com isso não se afirma que na área urbana isso não aconteça. Algumas manifestações têm acontecido com algumas diferenças. Vê-se que a figura de Maria é uma referência, desde o Brasil Colônia, período marcado por inúmeras atrocidades com os índios e negros escravos.

A Religião aparece para esses dois grupos como mais um instrumento de castigo e, conseqüentemente, Deus passa a ser muito grande e que o é, mas eles sentiam-se indignos de chegarem a ser escutados. É nessa situação que Maria começa a ser percebida como um diferencial, a intercessora que diante daquela Igreja que impunha medo, era ela a Mãe de Jesus Cristo, que também fora injustiçado e muito sofreu, dando a vida em uma cruz para salvar a humanidade.

No Brasil colônia, era a imposição que predominava para negros e índios, esses se voltam para ela como a Mãe que protege, acolhe e conforta. Apesar da aparente fragilidade de Maria que, com sua meiguice refletida em seu semblante, não se ousa pensar ou dizer que ela é frágil. Há uma dicotomia a esse respeito, pois, como pode



uma mulher ser tão simples, delicada e obediente representar essa fortaleza sobre Deus o onipresente e Onipotente, bem como ser a mãe de Jesus Cristo? Mas é por ela e por causa dela que esse povo se aproxima da Igreja.

Diante do exposto, fica mais claro e definido que é, de fato, evangelizadora que acolhe poucas pessoas que rezam em suas casas nas novenas, pequenos grupos quando estão rezando o terço, os milhares de pessoas nos santuários e nas missões, e até hoje não se cansou de escutá-las. Desde o Brasil colônia isso acontece. À época, essas devoções aconteciam nas casas grandes das fazendas, próximas aos oratórios ou nas capelas que eram construídas pelos senhores de engenho para externar sua devoção ao santo (a) e que, na maioria das vezes, era a Maria.

Eram muitas as imagens que chegavam ao Brasil, vindas desde as caravelas às embarcações. Os navegadores traziam essas imagens no intuito de protegê-los contra os males e para garantir uma boa viagem. Segundo E. Hoornaert (2008), essa devoção deve-se ao povo português devoto de Maria Santíssima, ao ponto de celebrarem Maria em várias épocas do ano.

Assim sendo, há essa constatação, através de relatos de Frei Dionísio da Paciência, em uma viagem de Lisboa a Pernambuco (1667), confirmando que durante a viagem desde o amanhecer ao anoitecer havia os momentos Marianos: orações, ladainhas, muitas Ave Marias e rosários.

Dessa forma, as Nossas Senhoras recebiam os mais variados nomes: Boa Viagem, Perpétuo Socorro, Imaculada Conceição, Aparecida, Saúde, Rosário, Bom Parto, das Dores, do Amparo, da Boa Morte, dentre outras. Ainda de acordo com E. Hoornaert (2008), as caravelas sempre traziam uma imagem de Nossa Senhora. A caravela do navegador e devoto Pedro Álvares Cabral (1500) trouxe a de Nossa Senhora da Esperança por se tratar do período das grandes navegações, no qual os navegadores estavam esperançosos em descobrir novas terras e conseqüentemente naquele momento registrava-se a oficialização do Brasil, sendo um grande feito para eles e para Portugal.

Antes de partir de Portugal em direção às terras brasileiras, no século XV, Cabral participou, com o rei e os nobres, da celebração da missa na Igreja de Nossa Senhora



de Belém. Em sua frota, trouxe 8 frades franciscanos, liderados pelo Fr. Henrique de Coimbra, 8 capelães e um vigário para celebrar os sacramentos aqui no Brasil.

Nos anos posteriores à oficialização do Brasil, foram construídas capelas para outras Nossas Senhoras. Em 1503, foi construída uma capelinha para Nossa Senhora da Glória e, posteriormente, em 1535, foi construída uma igreja, em Boipeba, no litoral da Bahia, para Nossa Senhora das Graças. Maria, Nossa Senhora ou Nossas Senhoras e Mãe do Céu, não importa como seja chamada, o que importa é que ela é a mãe de Jesus Cristo e dos cristãos. Ela que é um exemplo de fé e piedade.

Na frota do Primeiro Governador Geral do Brasil, Tomé de Sousa (1549), estavam às imagens de Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Ajuda. Quanto aos navios negreiros era a imagem de Nossa Senhora do Rosário que testemunhava todas as atrocidades na travessia pelo Atlântico. Essa que se tornou a padroeira dos Negros no Brasil. Torna-se claro que Maria estava presente em vários momentos da sociedade formadora do Brasil.

Uma das Nossas Senhoras talvez tenha ficado a mais famosa do Brasil, cuja história conta que fora encontrada, no rio Paraíba do Sul (1717), um corpo separado da cabeça, mais abaixo do rio encontrada, tornando-se padroeira do Brasil. Trata-se de Nossa Senhora Aparecida. Todas têm sua história ou uma lenda que justifica o nome recebido.

Essas Nossas Senhoras chegaram carregadas de significados, esculpidas em madeira, pintadas em telas – em ícones ou em quadros. Desde o século passado, há uma diversidade muito grande quanto à forma e ao material utilizado: madeira, gesso, resina, fibra e artesanal quando pintado em grãos e até mesmo digital.

A história da devoção a Maria contribui para que durante todos esses anos pais e mães adotassem o nome Maria para suas filhas. Não se tratava de ser privilégio da primeira filha e, sim, em muitas famílias todas as mulheres que nascessem recebiam o nome de Maria acompanhado por um segundo nome que variava igualmente com os nomes das Nossas Senhoras. Também algumas congregações religiosas Marianas adotaram Maria como mãe protetora e, por muitos anos, as religiosas recebiam o nome de Maria, também acompanhado por outro nome.



Esse fato pode ser constatado de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) onde, no Censo de 2010, confirma que há 11.7 milhões de Marias, em território brasileiro, distribuídos nas cinco regiões geográficas, que segundo o mesmo órgão, desde 1930 tem essa predominância. Por algumas décadas, geralmente eram as pessoas da zona rural e áreas periféricas usavam o nome de Maria. Porém, atualmente, Maria é um nome também adotado pela classe social alta, bem como apresenta algumas ramificações em outros idiomas.

O que está em discussão é que até o nome se popularizou a ponto de ser o Brasil das Marias e ainda vale destacar dos Josés em menor quantidade. Lembrando o casal José e Maria, pais de Jesus. A escolha do nome de certa forma está voltada principalmente pelo fato de os pais das crianças serem católicos e devotos a Nossa Senhora. Também é atribuída as promessas feitas durante o período de gestação ou por alguma complicação durante o parto.

Dessa forma, a influência da devoção e do culto à Maria, na sociedade brasileira, é justificada pela própria história da formação da sociedade, onde negros e índios, senhores e senhoras, ricos e pobres, por imposição ou por opção, mantinham a fé, através das orações e promessas.

Ao longo dos anos, a história de Maria foi sendo escrita, diferente do mundo judaico sob o domínio romano em que ela viveu. Mesmo com a escassez da Bíblia, sobre esse assunto há uma vasta literatura, que foi escrita através da fé, tendo por base as aparições de Maria (Lourdes, Fátima, La Salette, etc.) e depoimentos dos inúmeros milagres alcançados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas sagradas escrituras, podem ser encontradas as justificativas e explicações para que se possa tentar entender a complexidade de todo mistério que envolve Deus, o Pai e a chegada do Salvador Jesus Cristo, que nasceu do ventre de Maria, a escolhida. No entanto, a Bíblia não evidencia Maria, pois ela faz parte da vida de Jesus Cristo, está próxima e participando da vida dele, mesmo em silêncio. O fato de que



nem sempre é utilizado o termo mãe e sim também mulher, não reduz sua força de mulher entre tantas que foi escolhida para ser a mãe do Salvador.

É notório que ela é diferente da demais, é cheia de graça. Assim, desde o Antigo Testamento que há referência sobre a vinda do Messias, e mesmo oculta já era Maria, a escolhida. No Novo Testamento, a tônica é Jesus Cristo, o que veio ao mundo para salvar o povo de Deus. É esse salvador que nasceu de Maria, também concebida como mãe da humanidade.

A Igreja a define como a evangelizadora, e o é de fato, pois, consegue reunir milhares de pessoas não só no Brasil, mas no mundo inteiro. Apesar da escassez de registros na Bíblia, Ela é história viva na sociedade brasileira e no mundo, e não apenas memória.

Nesse contexto, a religiosidade popular se encarrega de intensificar a devoção e a cultura de cada sociedade na forma de venerar Maria. Torna-se necessário evidenciar que não se trata da Maria meiga e de aparência frágil e sim uma mulher que serve de elo entre Deus e o povo, capaz de ouvir os apelos dos que sofrem, dos aflitos e dos necessitados.

Esse é o patamar que é ocupado pela mãe de Jesus, mais especificamente no Brasil, de tantas atrocidades, injustiças sociais e também de católicos e de muita gente de fé. É essa devoção que forma um dos grandes pilares de sustentação da nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini. **Evangelii Gaudium em Questão**. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro; PUC-Rio, 2014.

AZZI, Riolando. **A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira**. São Paulo: Editora Santuário, 2008.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1980.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2010. Disponível em [www.http://censo2010ibge.gov.br/nomes/](http://censo2010.ibge.gov.br/nomes/) acesso em 15 de março de 2017.



FRANCISCO, Papa. “**Não somos órfãos, a Igreja é nossa Mãe**”! Disponível em <http://www.news.va/pt/news/papa-nao-somos-orfaos-a-igreja-e-nossa-mae>. Acesso em 10 de março de 2017

HOMEM, Dom Edson de Castro. **Maria de Nossa Fé**. São Paulo: Paulinas, 2007.

HOORNAERT, Eduardo (et al.].**História da Igreja no Brasil-Primeira Época - Período Colonial**.5 ed. Petrópolis (RJ):Vozes,2008.

JOÃO PAULO II, Papa. **E a Igreja no Brasil: de 1991 a 2003**(Segunda fase do Pontificado) disponível em https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16839/16839_4.PDF. Acesso em 02 de março de 2017,

KATHLEEN, Coyle. **Maria tão plena de Deus e tão nossa**. 1 ed. São Paulo: Paulus,2012. Tradução Barbara Theoto Lambert.

MESTERS, C. **Maria, a mãe de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 1977.

